

CARLA VALÉRIA LIMA DA SILVA

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista da Coordenadoria de Extensão
carlavaléria.arq@gmail.com

FERNANDA BRUNA DOS ANJOS MELO

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
fernanda.brunamelo@gmail.com

JULIANA OLIVEIRA DE ALMEIDA CARLOS

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Colab. do Grupo de Estudos do Ambiente Sonoro - GEAS
julianaalmeidac@outlook.com

MARIA LUISA DE C. VIÉGAS MACHADO

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
Bolsista do Programa de Educação Tutorial
mlcvmachado@gmail.com

PRISCYLA PORTO CAVALCANTI

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo FAU - UFAL
priscylaportoc@gmail.com

DAS MEMÓRIAS À UTOPIA: UMA BREVE HISTÓRIA DA PRAÇA DA FACULDADE

I. PREFÁCIO

História de um espaço e de seus ocupantes. História percorrida ou contada, exposta em livros, imagens e documentos. A descrição nos leva até onde a explicação técnica se sobrepõe. História que se faz quando o homem encontra o espaço, de modo que as palavras já não bastam, mas anseiam pelo movimento, pelo gesto e tempo. Tempo este que é constituído por momentos entrelaçados pelas memórias acerca do passado, a percepção do presente e a esperança do que virá a ocorrer¹ (Agostinho, 397-398). Penetrar em um espaço, então, é encontrar-se no tempo para que nele possam ser traduzidas as lembranças, entender o presente e abrir as portas para o futuro.

A partir dessa compreensão que se constituiu o objetivo do presente estudo, no qual se questionou acerca da relação entre as pessoas e a Praça Afrânio Jorge (Maceió-AL) ao longo dos anos. Buscou-se descrever, ainda que sumariamente, as mudanças do espaço no tempo e o que estas significam para pessoas que tiveram algum vínculo com o local em sua dinâmica enquanto espaço público. Para isso, teve-se como método a busca por relatos de antigos e atuais frequentadores a partir de visitas e por meio de pesquisa bibliográfica para a caracterização do espaço, na intenção de descobrir como se deu tal apropriação.

Durante o estudo percebeu-se o vínculo, o sentido e os laços tecidos em um espaço, através das pessoas e do passar do tempo.

2. CENÁRIO: MISTURA DOS TEMPOS E EXPECTATIVAS

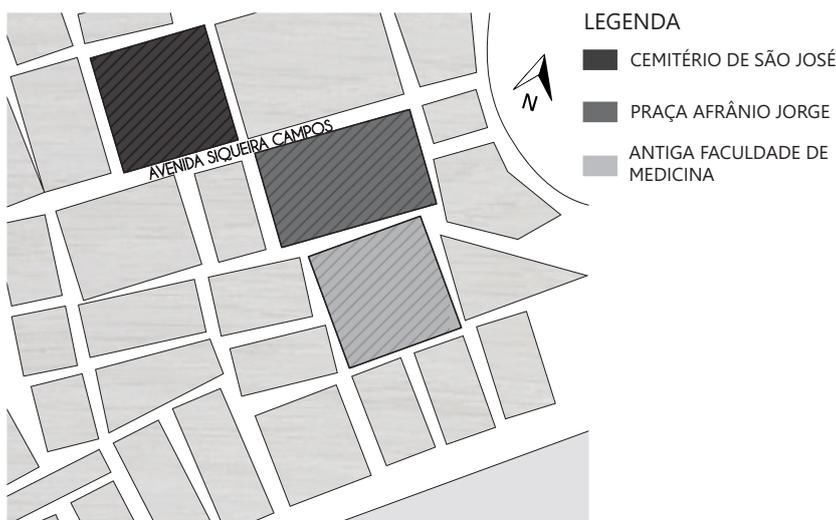
Anteriormente conhecida como “Praça Calabar”, a atual Praça Dr. Afrânio Jorge

que assim se denomina em homenagem ao político e médico alagoano de mesmo nome, é popularmente chamada de Praça da Faculdade (figura 01), nome herdado em consequência da proximidade com a antiga Faculdade de Medicina que a emoldura, um edifício com “traços nítidos do estilo neoclássico” (FAU/UFAL. 2009, p.15) que até a década de 1940 era Quartel do Exército.

Encontra-se no bairro do Prado, onde se localizam dois dos mais antigos cemitérios de Maceió, o Cemitério de Nossa Senhora da Piedade, com seus mausoléus de notável estética funerária, detentores de lendas para o imaginário local e o Cemitério de São José, vulgo “Cemitério do Cajú” - marco de fé católica que abriga a imagem venerada do “Menino Petrócio”, considerado santo pela população maceioense. O Prado ainda acomoda o único necrotério público da cidade. Seus moradores, cuja idade parece transcender a do bairro brincam com a sua característica fúnebre: “Até para morrer, quem mora aqui não dá trabalho” - D. Maria Viana, moradora do Prado há 40 anos (FAU/UFAL. 2009, p.24).

¹Para Agostinho, o tempo presente é o único passível de existência, pois o anterior ou o após seriam somente conceitos abstratos do que aconteceu ou do que irá ocorrer. Esta compreensão de tempo é baseada na atemporalidade de Deus, que é eterno. Mas, se faz necessário ao homem a subsistência e divisão do tempo mediante a finitude humana. Assim, ele fala que existem três tempos em nossa mente: “O presente do passado é a memória; o presente do presente é a percepção direta; o presente do futuro é a esperança”.

Figura 1: Recorte do mapa do Bairro do Prado.
Fonte: FAU/UFAL. 2009, p. 22 (Imagem modificada pelo os autores)



Quem cresceu ali carrega na memória o antigo Cinema Colonial, as aulas no Grupo Escolar Dr. José Maria Correia das Neves - escapulidas para um passeio pela Praça Deodoro para um delicioso sorvete na Gut Gut, ou na Rua do Comércio para vislumbrar as vitrines, os filmes nos cinemas Ideal, Lux e São Luís, ou ainda as "peladas" na praia do Sobral e nas ruas sem calçamento, além de muitos outros enredos embutidos na dinâmica pradenense. No entanto, a vizinhança da Praça acolhe hoje em dia algo bem diferente do que antes se tinha.

O cenário perdeu seus tantos becos e vilas, que se modernizaram, e o intenso movimento de veículos combina-se com os vários bangalôs edificadas, desde a Praça Afrânio Jorge até o bairro do Trapiche. Na década de 1950, foi construído o chamado "Panteão" (Figura 02), destinado a servir de mausoléu para os restos mortais dos dois

Figura 2: Panteão da Praça Afrânio Jorge em 2013.
Fonte: SEMPLA, 2014



primeiros presidentes da República, porém não foi concretizado. Assim, o marco arquitetônico da Praça, torna-se sinônimo de abandono. São tecidos, então, os primeiros relances de um presente displicente. E ao olhar para trás, vemos traços do local que hoje já não existe. Segundo um morador do bairro (FAU/UFAL, 2009, p.24) "A praça perdeu a sua importância e o abandono é prova disso", acerca da atual situação do local.

O antigo perfil tem se transformado. Ontem, casas e conversas, hoje, lojas e tumulto. Lixo acumulado, iluminação precária, vilipêndio de estruturas, marginalização e insegurança. Os canteiros e bancos destruídos e o verde castigado pela falta de zelo, olhar e reação. Descuido do poder público, usuários indiferentes, costumes perdidos ou crenças transformadas? Quais seriam as possíveis causas? Um entrelace de fatores, talvez.

Foi-se o tempo de intensa movimentação. Seus teimosos frequentadores lembram o passado que lhes ocorre quando a praça era palco de eventos religiosos, festejos juninos e natalinos (figura 03), entre as décadas de 1950 a 1970. Com suas bandeirinhas e folguedos que entoavam melodias do povo que ali celebrava, usufruindo do espaço livre. M. Carvalho (2014), frequentadora da Praça entre 1960 e 1970, em 2014 recorda: "Nas festas de Natal, as famílias iam pra praça, à tarde levavam as crianças, tinha o parque... À noite já iam os adolescentes e os adultos, porque além do parque tinham os folguedos... Pastoril, chegada, guerreiro... E os jovens paquerando, é... As meninas com os cachos de rolete de cana esperando que os meninos que ficavam a espreita pedissem, pra daí começar a paquera."

E as lembranças se misturam com a atual situação, quando as pessoas saudosas, lembrando-se de uma época rica de festejo e diversão, parecem decepcionadas pelo descuido atual.

O vazio da praça as entristece, como nos fins dos períodos natalinos do passado, quando outro vazio retornava para acolher as atividades costumeiras da praça: o local de passear, de sentar, conversar e suspirar. Vendo as ruas movimentadas com as pessoas caminhando pelas calçadas, essas que nos convidavam a adentrar nas casas e nos comércios que ali se encontravam.



Figura 3: Praça durante o período natalino em 1960.
Fonte: SEMPLA, 2014.

“ONTEM, movimentação.. animação.. respeito.. HOJE, abandono.. marginalidade.. descaracterização.” “As tradições folclóricas, comemoradas na Praça ficaram no passado. Hoje só resta a lembrança.” (FAU/UFAL, 2009, p. 20).

Ainda hoje há aqueles que persistem em preservar os velhos costumes, a calma viva nas famílias tradicionais do bairro dá espaço ao medo pela insegurança corrente e a esperança de poder aproveitar ainda dos poucos prazeres da vida, como conversar nas calçadas e jogar dominó na praça ao final da tarde.

A rara arborização resistente na Praça Afrânio Jorge ainda abre espaço para poucos que desejam a prática de esporte, porém o precário estado de infraestrutura e segurança faz com que a comunidade em geral não se sinta segura em usufruir do espaço.

Pequenos parques de diversão ainda são instalados na Praça da Faculdade em alguns períodos do ano, a ocupação presente, no entanto, é pelo tumulto dos bares vizinhos, ou pelo movimento dos carros, que fazem da praça estacionamento. Para a maioria dos cidadãos é incompreensível o atual descaso. Para eles, resta a vaga esperança de um futuro tão próspero, como estavam antes acostumados.

O projeto de restauração existente na Prefeitura de Maceió faz com que não só os usuários da praça criem expectativas, mas também aqueles que um dia viveram momentos de sua história no local e os que hoje se interessam pela revitalização e pela sustentabilidade da cidade.

Segundo o Houaiss (2009, grifo nosso) Utopia significa: “Lugar ou estado ideal, de completa felicidade e harmonia entre os

indivíduos; qualquer descrição imaginativa de uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da coletividade; projeto de natureza irrealizável; quimera, fantasia". Analogamente, um futuro, mesmo que ainda nebuloso e distante faz com que o público que já frequentou a Praça anseie pela sua revitalização, na esperança de uma ocupação mais satisfatória a que se presencia hoje e quiçá do que se viu antes.

3. EPILOGO

A representação que se tem da Praça da Faculdade advém de suas lembranças, do que é corrente e dos anseios futuros. Nesse caminhar, o estudo do espaço nos mostra a existência de nós indestrutíveis: as pessoas e o lugar onde vivem, as memórias e as representações de situações vividas.

Se a intenção inicial foi descrever as mudanças do espaço no desenrolar do tempo e seu significado para

os frequentadores, a percepção que emergiu é a de que os elementos que incorporam esta relação entre a Praça e seus frequentadores não podem ser separados. Talvez seja no espaço ao nosso redor que a junção entre presente e passado, convergindo a um futuro expectável, possa ser expressa como uma incansável ligação, onde novo e velho se misturam, e onde extremos podem conviver.

A Praça Afrânio Jorge é um espaço público, mas torna-se subjetiva para seus usuários que a percorrem, não só fisicamente mas em memória e esperança, onde o que antes existia e o que resta, a convertem em um ambiente de grande valor para a nossa cidade.

A maior percepção sobre a Praça é que ela não se caracteriza apenas por uma história escrita, ou lida ou através de seus monumentos, mas é um arquivo vivo nas lembranças dos seus antigos e atuais frequentadores.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 397-398. Disponível em: <img.cancaoнова.com/noticias/pdf/277537_SantoAgostinho-Confissoes.pdf> Acessado em: 01 agosto 2015.

CARVALHO, M. **Marluce Carvalho: depoimento**, out. 2014. Entrevista concedida aos autores, 2014.

FAU/UFAL. **Dossiê de Referências histórico-culturais da antiga faculdade de Medicina de Alagoas**. Organização: FAU/UFAL, Dezembro 2008/Julho-Setembro 2009.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa 3.0**, Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

SECRETARIA MUNICIPAL DE PLANEJAMENTO E DESENVOLVIMENTO. **Relatório sobre restauração do panteão da praça Afrânio Jorge**. Maceió: Unidade Especial de Preservação Cultural/Diretoria de preservação de Patrimônio Cultural, 2014.

SEMPLA. **Unidade Especial de Preservação Cultural**. Diretoria de Preservação do Patrimônio Cultural, 2014.